

## Baraúna

Ela mesma se ofereceu para emprego — e como de seu natural é extrovertida (como se diz com mulher rica conversadeira) foi logo contando que brigara com a patroa e que, embora no final da discussão, a outra tenha reconsiderado as palavras e apagado as ofensas feitas no aceso da luta, ela, da sua parte, não recuara. Tinha decidido sair e saiu mesmo, apesar daquela dramática chantagem final da senhora.

— E as crianças, como é que as crianças vão ficar sem você?

— Ah, minha irmã, não sei.

Foi assim que respondeu no auge da indiferença — e mandou-se, e foi parar na casa daquela família que eu conheço, gente minha. De entrada se identificou como Sofia da Conceição, solteira, de prendas domésticas, de profissão cozinheira — e acrescentou com a maior naturalidade:

— Me tratam por Baraúna.

Não sei porque Baraúna. Fui ver no dicionário, significa “grande árvore da família das leguminosas — (*Melanoxilon barauna*), de madeira duríssima e muito empregada em maquinismos de construção. É conhecida

também por garaúna e, em Alagoas, por “árvore preta da mata”.

Sofia não tem nada disto. Ah, sim, talvez a fortaleza, o aspecto robusto, o corpo cilíndrico, sem cintura, bem plantado em altas pernas, a gordura mal distribuída, surpreendentemente lépida no andar desgracioso. O riso fácil se fecha rápido, como quem economiza alegria, o olhar travesso, oblíquo, um olhar de constante escanteio, ligeiramente caolha que é. E a fala sai estranha, aos pignotes, as palavras saltam estropiadas, num vocabulário muito pessoal, freqüentemente inédito.

Mas a cor não combina com a da árvore preta da mata, pois Baraúna foi composta num tom que não se define. Fica entre o amarelo-pálido e o branco (será que se podia dizer bege?) e o cabelo abundante, que ela prende com uma fita larga, como quem amarra doido em camisa de força, é rebelde, muito crespo, tirando sobre o pixaim.

Dentro de pouco tempo estava a família de muda para o Rio — e Baraúna foi de cambulhada, foi por último, com uma moça da casa que ficara a terminar seus exames e a cuja habilidade e inteligência coube a tarefa de levar a cozinheira. E foi tudo muito fácil na fase preparatória em que o ânimo viajeiro da empregada não enfraqueceu nunca, mas lá no aeroporto, quando a passagem já estava marcada, Baraúna chamou de lado a jovem patroa e foi dizendo sem preâmbulo:

— Eu só entro naquele bicho com uma bicada de cachaça.

Rapidamente refeita do choque, a moça impôs um sucedâneo mais digno:

— Cachaça, não! Escolha outra bebida.

— Então me dá uma zinebra.

Ao que a moça, já sem consultá-la, administrou-lhe uma dose dupla de conhaque que ela engoliu com o gozo e a pressa dos veteranos bebedores — e daí por diante não houve mais problema. Alguns minutos depois estavam

embarcadas e Baraúna parecia criança com brinquedo novo, ria feliz, livre do medo que a ameaçara, comentando para a companheira, vizinha de poltrona:

— Quer dizer que a gente vai mesmo avoar feito arubu?

Fazia tão pouco tempo que fora admitida, que não houve tempo para conhecer-lhe os hábitos, cacoetes e preferências — deu apenas para saber que era cozinheira das melhores e que era honesta, incapaz de se apropriar de objeto alheio ou de ficar com troco, por menor que fosse — dava conta minuciosa de tudo.

Instalada numa apartamento grande, no coração de Copacabana, Sofia da Conceição depressa se integrou nos hábitos da cidade, constantemente deslumbrada com tudo, a toda hora, encantada com as belezas, com as pessoas, com a quase nudez da população de banhistas, com a comunicação do povo e com os elogios, os galanteios de toda hora. Era ver Alice no País das Maravilhas.

Aos poucos foram conhecendo aquela estranha mulher que tanto tem de índio como de negro e um pouco de branco, desconfiada, sinuosa e uma moura no trabalho. A patroa notou que cada vez que ela descia para uma compra voltava mais cantadeira, mais alegre, punha mais talento no tempero e concluiu que era tudo virtude dos drinques no bar da esquina. E, para surpresa maior, geral, descobriram que, com tão pouco tempo, Sofia passou a desprezar dignamente a cachaça. Quando lhe oferecem uma dose, desdenha, recusa, faz cara feia e pontifica:

— Ah, não, faz favor. Conhaque ou uísque. O uísque pode ser nacional.

Outro aspecto muito particular é que nunca aprendeu o nome verdadeiro de nenhuma das pessoas da casa, rebatizou todos com um apelido para seu uso exclusivo. A moça loura, mais velha, a quem se afeiçoou logo, chamou de Galega (e tomou um pileque terrível no dia do casa-

mento da Galega), a outra é a Morena, o rapaz mais velho, que está a terminar o curso de Engenharia, é o Comprido, o moço vestibulando é o Louro e assim por diante.

Com a aproximação do carnaval foi Baraúna se emburrando inexplicavelmente, amiudando as idas ao bar, falando menos, até que, com aquela pedagogia própria das patroas inteligentes, a senhora, com muito tato, foi procurando se aproximar do problema, já fazendo terrível conjectura sobre as virtudes da pílula, quando teve a chave da equação: Baraúna explicou que não agüentava passar o carnaval longe da sua terra, onde tinha a gente dela, a turma formada, seu rancho, seus amigos, suas cantigas.

Claro que a patroa concordou, até prometeu passagem, contanto que ela voltasse. E assim ficou acertado e Baraúna devolveu-se imediatamente à alegria de viver.

Mas quando entrou janeiro, ninguém sabe por onde andou Baraúna, que bares, que festas, que gafieiras frequentou, ninguém sabe se andou pelos ensaios das escolas de samba. Sabe-se apenas que chamou a patroa, informou simplesmente:

— Olhe, não carece mais comprar minha passagem não. O negócio é aqui mesmo. Já acertei com as meninas minhas colegas, vou sair mais elas.

Foi assim que o carnaval carioca ganhou mais esta alegre representante do Nordeste, animada da melhor disposição, com fantasia e tudo.